

A VIVÊNCIA PSICOLÓGICA DO RELACIONAMENTO CONJUGAL: A POSIÇÃO DE JUNG

COLACITI, Alethéa Kennerly

Coordenadora-Adjunta e Psicóloga da C.E.P.P.A.
Clínica-Escola de Psicologia e de Pesquisa Aplicada – FASU/ACEG – GARÇA/SP – Brasil
e-mail: lekenciti@gmail.com

SARTORI, Hellen Rose Villas Boas

Psicóloga Perita Examinadora do Trânsito graduada pela UNIP – BAURU/SP – BRASIL
e-mail: hellengapb@hotmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo principal discutir e analisar as questões subjetivas que permeiam o relacionamento conjugal, e a questão do ciúme, sob a ótica da teoria junguiana. Para tanto, busca conceituar, de forma ampla, os arquétipos Anima e Animus, assim como contextualizar a instituição casamento nos dias atuais. Para enriquecer a compreensão do ciúme e sua patologia, discute, concomitantemente, a inveja e sua correlação com o ciúme.

Palavras-Chave: Relacionamento conjugal, anima, animus, ciúme, inveja.

Abstract

The present article has as main objective to discuss and to analyze the subjective subjects that they permeate the matrimonial relationship, and the subject of the jealousy, under the optics of the theory junguiana. For so much, search to consider, in a wide way, the archetypes Anima and Animus, as well as contextualizar the institution marriage in the current days. To enrich the understanding of the jealousy and your pathology, it discusses, concomitantemente, the envy and your correlation with the jealousy.

Keywords: Matrimonial relationship, anima, animus, jealousy, envy.

1. Introdução

No início da elaboração deste artigo, com base em pesquisa bibliográfica, o tema principal incidia sobre o ciúme e as patologias do mesmo, nos



relacionamentos entre casais de namorados, noivos e esposos. Contudo, ao realizarmos a pesquisa bibliográfica percebemos que tão importante quanto esse tema, era a busca da compreensão dos aspectos subjetivos que permeiam os relacionamentos conjugais. Sendo assim, optamos pela inter-relação de ambos os temas, como foco principal deste artigo.

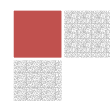
Procuramos, ao mesmo tempo, conceituar e melhor compreender os arquétipos Anima e Animus, assim como a inveja e a inter-relação entre a mesma e o ciúme, por serem aspectos constituintes da fundamentação teórica junguiana do foco principal deste artigo.

Como ponto de partida, consideramos importante discorrer sobre concepções masculinas e femininas pertinentes ao casamento.

De acordo com Campos (2000), a imagem idealizada do casamento feliz em quase nada mudou nas últimas décadas e, talvez, nem mesmo nos últimos séculos. Entretanto, as uniões vitalícias são cada vez mais raras e, atualmente, os casais continuam se unindo movidos, principalmente, pela paixão.

As chances de frustração, apesar de tantas transformações sociais, principalmente femininas, continuam altas, devido ao fato de que as motivações e expectativas que levam um casal a se unir, ainda são diferentes para homens e mulheres.

Cuschnir (apud CAMPOS, 2000), psicoterapeuta e especialista no estudo de gêneros, observa que os homens tendem a priorizar a sua capacidade de proporcionar conforto material à mulher e aos filhos que virão. Se falharem nesse objetivo, sentem-se tremendamente frustrados e se alcançam o intuito, podem se sentir explorados e ressentidos por isso, mesmo que o neguem. Fogem de qualquer assunto que coloque em risco a confirmação de sua sexualidade, seja uma má performance sexual, um sentimento de rejeição, ou a dificuldade em cumprir o papel de provedor. A ótica masculina costuma atribuir às mulheres o poder de julgar se seus esforços os qualificam como homens de verdade. Contudo, como as mulheres não possuem, realmente, o poder de fazer esse



mágico e transformador julgamento positivo, os homens o experimentam como um julgamento negativo. Ainda, entre os homens, também, circula, com força avassaladora, o mito da fonte da satisfação erótica, no qual é responsabilidade masculina a satisfação ou insatisfação da mulher no plano sexual.

Segundo Ferreira-Santos (apud CAMPOS, 2000), seja lá o que cada um esteja pensando na hora do “sim”, o certo é que cada um sempre leva consigo um contrato secreto, constituído pelos motivos que cada qual tem escondidos no inconsciente. Segundo este autor:

“Fala-se muito em casamento por conveniência, mas pouco se diz do casamento por conveniência psicológica. Um exemplo pode ser a pessoa tímida que busca como parceiro alguém extrovertido, que compense sua característica ou, na pior das hipóteses, que a ‘carregue’. Isso acontece quando a pessoa não se satisfaz com a forma como é e procura projetar seus desejos no outro. Ela precisa do outro para ser feliz porque não consegue ser feliz consigo mesma” (CAMPOS, 2000, p. 22).

Na opinião do psiquiatra Ferreira-Santos (apud CAMPOS, 2000), ainda é muito forte a idealização do casamento pautada nos modelos antigos, nos quais o sucesso era sinônimo de longa duração. Imperava, também, a idéia de que era sempre preciso ceder para manter o casamento funcionando e, mais além, fazia parte da “fórmula” antiga cultivar a dependência afetiva, econômica e social entre os cônjuges. Na atualidade, inúmeros casais continuam mantendo, artificialmente, a união: muitos deles, por medo da solidão, de enfrentar uma nova situação social para a qual não se acham preparados, ou na tentativa de preservar o poder econômico. Neste sentido, o autor afirma que:

“... por mais difíceis que sejam os entraves de um relacionamento a dois, nem todos os obstáculos surgem como uma ingrata surpresa. Principalmente entre as mulheres, não é raro que comprem gato por lebre muito conscientes do engodo e até alegrinhas com isso. Levam para casa seus sapos, crentes de que vão transformá-los



em príncipes. E encaram isso como um desafio a ser transposto” (CAMPOS, 2000, p. 22).

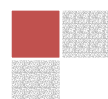
A relação homem-mulher, na opinião de Campos (2000), naufraga porque não se teve curiosidade suficiente para conhecer o parceiro antes do casamento; e se deter um pouco nessa descoberta, pode ser útil mesmo para aqueles que pretendem apenas ter um caso rápido.

Existem mulheres que se casam com homens frágeis pensando que vão poder manipulá-los e acham que vão conseguir fazer o que as mães deles não fizeram, pois,

“... às vezes nem é preciso esperar dez anos para constatar que têm em casa um banana incapaz de tomar uma única decisão sozinho. O erro é desdenhar de pensar no casamento como um contrato. As pessoas preocupam-se com todas as cláusulas de um contrato de aluguel. São ainda mais cuidadosas quando se decidem pela compra de um imóvel. Mas ignoram que podem ser tão objetivas e transparentes num casamento” (FERREIRA-SANTOS, apud CAMPOS, 2000, p. 23).

Ainda, de acordo com Ferreira-Campos (apud CAMPOS, 2000), se de fato os casamentos viessem a ser tão objetivos e transparentes, a maioria não se casaria, já que em qualquer tipo de contrato sempre existe “cláusulas leoninas”.

Quando o homem resume as qualidades que espera em uma mulher, com a expressão companheira fiel e dedicada, na realidade está listando muitas coisas, que seriam impossíveis de se cumprir totalmente; contudo, a pessoa aceita o contrato e, posteriormente, briga por descobrir que aceitou o inaceitável. O contrato secreto, denominado por Campos (2000) “de sombra”, representa os desejos mais profundos contidos no inconsciente. Na maioria das vezes, tais desejos não podem estar explícitos numa relação a dois, porque a própria pessoa não os conhece. Sendo assim, não basta apenas conhecer o outro, reconhecer e concordar com suas intenções e projetos de vida, mas é essencial o autoconhecimento.



Lacerda (apud CAMPOS, 2000), advogado e escritor, apesar de preocupado com as formalidades contratuais, não é defensor incondicional do casamento formal; contrariamente, percebe que, no casamento tradicional, as pessoas tendem a aderir a uma instituição que é imposta de fora para dentro, levadas, essencialmente, pelo impulso de sexo e procriação. Para ele, as pessoas não se casam uma com a outra, mas se procuram a si mesmas, e o casamento é uma forma de se encontrar.

A tentativa e o erro continuam, ainda, sendo as regras, porém, existem indícios de que podem vir a ser substituídas pelas escolhas mais maduras. A tendência, atualmente, é as pessoas se casarem mais tarde, mais amadurecidas, algumas trazendo na bagagem a experiência de ter morado sozinhas anteriormente, já tendo convivido por algum tempo com o parceiro.

O psicólogo e psicoterapeuta de casais Rodrigues Junior (apud CAMPOS, 2000) afirma que, talvez, seja a transição necessária para pular da paixão arrasante e adolescente para o amor adulto; já que, atualmente, a tendência é as pessoas reconhecerem que existem outras coisas importantes para fazer o casamento funcionar, além de gostar. Estranhamente, essas outras coisas podem coincidir com algumas daquelas que, antes se acreditava, cavavam a ruína do relacionamento: são os compromissos sociais, os bens adquiridos com esforço conjunto, os filhos, e até os programas habituais e círculo de amigos em comum. A problemática é que, ao mesmo tempo em que força a união do casal, a manutenção da vida cotidiana não deixa muito espaço para que se preste atenção nos aspectos subjetivos que mobilizam cada um. Assim sendo, o autor afirma:

“As pessoas percebem que há um algo a mais, algo diferente que pode ser alcançado na esfera pessoal, e que vai além de casar e ter filhos. Elas só não sabem bem o que é. E ficam com esse ‘não sei o quê’, doendo dentro delas. Não se discutem as questões do casamento antes de se casar. Só se leva em conta a paixão, sem perceber que só ela não sustenta a relação, compromisso sim. É preciso construir o casamento pensando na valorização de outras coisas além da



paixão de Romeu e Julieta” (RODRIGUES JUNIOR, apud CAMPOS, 2000, p.24).

A questão da escolha, do parceiro, suas motivações subjacentes, as expectativas mútuas, que podem provocar a ruína do relacionamento, remetem a uma outra questão: a infidelidade entre os casais.

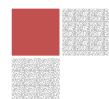
De acordo com Campos (2001), a infidelidade tem mais a ver com uma característica pessoal, existindo uma tendência de procurar no externo algo que o indivíduo não consegue encontrar nele mesmo.

A característica masculina que incentiva os homens a serem infiéis é a sua eterna busca de aceitação incondicional. Provavelmente, estes homens tenham se casado com uma excelente esposa, que aceitam tudo e o tratam como uma mãe. Em geral, a amante tem a mesma índole e o homem acaba confundindo essa disponibilidade com amor. Segundo o autor:

“É um homem em busca da mãe o tempo todo, tentando restabelecer com suas mulheres o mesmo tipo de relação pré-genital, que tinha com a mãe. A esposa aceita tudo incondicionalmente, suas limitações, seus deslizes. E a amante também aceita as privações, como passar os fins de semana sozinha, ou não poder freqüentar com ele um local público” (CAMPOS, 2001, p. 26).

Em contrapartida, o sentimento mais comum, entre as mulheres infiéis, é a culpa, que leva muitas delas a confessar o que fizeram para o marido. Atualmente, as mulheres questionam a liberdade dos homens e querem agir iguais, mas muitas ainda se sentem divididas. O trecho, a seguir, ilustra esta afirmação:

“... constato tanto na clínica quanto em conversas com mulheres que elas não sabem ainda o que fazer com a idéia da ‘virgem imaculada’ e da ‘prostituta’. Não é só a sociedade que é preconceituosa. A mulher também é assim consigo mesma” (QUIÑONERO, apud CAMPOS, 2001, p. 27).



As mulheres já foram ao espaço, disputam ombro a ombro com o homem o mercado de trabalho, conquistaram direitos igualitários como cidadãos, mas, emocionalmente, ainda transferem o comando para as mãos do homem. A tese de Quiñonero (apud CAMPOS, 2001) é que isso ocorre porque a mulher precisa do olhar masculino para se constituir. Mas, a dor de se sentir traído fere tanto homens quanto mulheres. Na mulher o que mais se fragiliza é a auto-estima; ela acaba achando que a outra tem tudo o que ela não tem e fica sem conseguir dizer e sem acreditar que pode tanto quanto a outra. Por outro lado, para os homens a questão focal é o golpe na sua virilidade; eles acreditam que, se foram traídos, é porque não foram homens o suficiente.

Reis (apud CAMPOS, 2001) afirma que a infidelidade é uma história sempre feita no mínimo a três; e que se costuma preocupar com o destino do casal e nem sempre se lembrar de questionar sobre o que acontece com a amante. Pois, contrariando o que se acredita:

“A amante é a sofredora. Ela se mantém nessa situação porque alimenta a fantasia de que o homem um dia vai fazer a sua escolha e optar por ela. O sofrimento pelo qual ela passa é indescritível. Ela não vê – ou não quer ver – as muitas evidências de que ele não vai ficar com ela. A amante pode parecer moderna, audaciosa, sexy e o que mais a fantasia de homens e mulheres constrói sobre esse personagem. No fundo, as mulheres que se encaixam nesse papel têm o perfil (assim como a esposa abnegada) da mulher que não consegue valorizar-se por si mesma. Pouquíssimas são as que se contentam em apenas curtir os momentos agradáveis conscientes de que embarcaram numa canoa furada e que nunca chegarão naquele relacionamento onde desejariam. No fundo, tanto a esposa traída quanto a amante têm um perfil muito parecido. A diferença é que a amante alimenta o homem eroticamente. Mas se acontece de realmente ganhar a vaga de titular e ficar com o homem, acaba reproduzindo o que acontecia no primeiro casamento” (REIS, apud CAMPOS, 2001, p. 28).

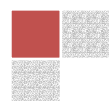


A infidelidade masculina, de acordo com Quiñonero (apud CAMPOS, 2001), tem sempre um tom pitoresco, enquanto para a mulher o ar é sempre dramático. A infidelidade masculina é temida, apenas, quando ameaça a ordem patriarcal.

Desde a década de 60, quando as mulheres saíram às ruas para exigir igualdade entre os sexos, a ala feminina vem tentando se redimir do preconceito que estabelece regras diferentes para o comportamento de homens e mulheres. Entretanto, hoje, se verifica uma tendência a caminhar no sentido oposto; é como se estivessem novamente descobrindo as diferenças básicas entre homens e mulheres.

Para Quiñonero (apud CAMPOS, 2001), não é fácil ser fiel, até porque, a tal da fidelidade não é a base de nada; e casais cuja fidelidade cresce de uma convenção estão fadados a trair por esta não se sustentar, já que não está calcada no desejo. A fidelidade está sempre subordinada a alguma coisa, geralmente no amor, ou melhor, modelada na idéia que se faz desse amor. Não é uma condição para a existência o sentimento amor, mas um risco que os amantes correm. O segredo da fidelidade está em achar o ponto de equilíbrio entre o risco da sedução e a manutenção do desejo entre o casal. Muitas mulheres, principalmente, perdem este ponto de equilíbrio depois que se casam e têm filhos, esquecendo que ainda podem ser desejadas (e se sentir desejáveis) e colocam a perder o seu relacionamento. Neste sentido, é necessário considerar que:

“O ponto exato da sedução entre o casal reside na criatividade e por isso desafia as regras. O ideal é que a sedução não caia num ritual repetitivo, caindo num refúgio fetichista, que é uma forma de não se relacionar. Por outro lado, trair nem sempre é um sinal de imaturidade. Acontece dessa forma quando se institui um mestre, um personagem idealizado, e, na hora que se seduz esse mestre, puxa-se seu tapete, indo em busca de um outro. Esse é um jeito de não estar em relação com ninguém, nem consigo próprio” (REIS, apud CAMPOS, 2001, p. 29).

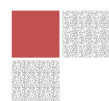


2. O relacionamento conjugal segundo Jung

O matrimônio, segundo Jung (1986), como relacionamento psíquico, é complicado por ser constituído por uma série de dados subjetivos e objetivos que, em parte, são de naturezas muito heterogêneas. Quando tratamos do relacionamento psíquico, pressupomos a consciência, já que não existe nenhum relacionamento psíquico entre dois seres humanos se ambos se encontrarem em estado inconsciente. Na medida em que existem inconsciências, reduz-se o relacionamento psíquico. Assim sendo:

“Desde o momento em que aparece a consciência coerente, existe a possibilidade do relacionamento psíquico. Consciência, segundo nossa concepção, é sempre consciência do ‘eu’. Para tornar-me consciente de mim mesmo, devo poder distinguir-me dos outros. Apenas onde existe essa distinção, pode aparecer um relacionamento. Ainda que de modo geral se faça essa distinção, contudo ela é normalmente cheia de lacunas, podendo talvez permanecer inconscientes regiões muito amplas da vida psíquica. Quanto aos conteúdos inconscientes não é possível qualquer distinção; e, por isso, nesse campo não pode ser estabelecido nenhum relacionamento; nessa região reina ainda o estado inicial da identidade primitiva do ‘eu’ com os outros, e assim ausência completa de relacionamento” (JUNG, 1986, p. 195 e 196).

Quando o jovem atinge a idade adequada para o casamento ele já possui a consciência do eu (mais a moça do que o rapaz); contudo, apenas há pouco tempo o jovem emergiu do nebuloso inconsciente inicial. Sendo assim, ainda há regiões vastas que permanecem na sombra da inconsciência. O jovem tem, portanto, um conhecimento incompleto tanto de si mesmo como do outro, conhecendo de modo insuficiente os seus motivos, assim como os motivos do outro. Na grande maioria das vezes, o jovem age levado apenas por motivos inconscientes, tendo a impressão de estar muito consciente. Será uma grande



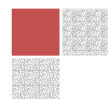
surpresa a descoberta de que aquilo que ele considerava como um pico alcançado, na realidade, é apenas o degrau inferior de uma extensa escada.

De acordo com Jung (1986), quanto maior for a extensão da inconsciência, igualmente menor se tratará de uma escolha livre no casamento; e mesmo quando faltar o apaixonamento continuará a existir a coação.

Os motivos inconscientes são de natureza pessoal e geral. Em primeiro lugar, estão os motivos provenientes da influência dos pais, sendo decisivo para o rapaz o relacionamento com a mãe e para a moça o relacionamento com o pai. O grau de ligação aos pais influencia, em primeiro lugar, favorecendo ou dificultando a escolha do parceiro. Assim, o amor consciente para com o pai e a mãe favorece a escolha de um parceiro semelhante ao pai ou a mãe; mas, ao contrário a ligação inconsciente dificulta a escolha do parceiro e força modificações curiosas. É o próprio Jung que ilustra esta questão:

“Em regra, a vida que os pais podiam ter vivido, mas foi impedido por motivos artificiais, é herdada pelos filhos, sob uma forma oposta. Isto significa que os filhos são forçados inconscientemente a tomar um rumo na vida que compense o que os pais não realizaram na própria vida (...) A inconsistência artificial dos pais tem as piores conseqüências (...) A escolha do cônjuge poderá ficar livre de tais influências, se os instintos não estiverem atrofiados, mas cedo ou tarde se manifestarão certos obstáculos. A escolha feita apenas sob o impulso do instinto poderia ser a melhor, do ponto de vista da conservação da espécie; do ponto de vista psicológico, porém, nem sempre é a acertada porque muitas vezes há de existir uma grande distância entre a personalidade meramente instintiva e a personalidade individualmente diferenciada” (JUNG, 1986, p. 196 e 197).

Sendo assim, desde que o casamento não tenha sido arranjado pela inteligência, pela astúcia, ou pelo tal amor providente dos pais, a escolha do parceiro, normalmente, se realiza por motivos inconscientes e instintivos, se supondo, igualmente, que não tenha havido deformação do instinto primitivo dos filhos.



Segundo Jung (1986), a falta de diferenciamento ou identidade inconsciente é produzida pela inconsciência e, na prática, traz como conseqüência o fato de que cada um supõe no outro estrutura psíquica semelhante. A sexualidade, por possuir orientação semelhante, fortalece tal sentimento de unidade e identidade, proporcionando um estado de harmonia completa é sentido como constituindo a grande felicidade.

Em sentido psicológico, o relacionamento psíquico entre os casais não pode ser considerado um relacionamento pessoal, por possuir uma essência coletiva. Dificilmente, um matrimônio, até atingir o relacionamento individual, se desenvolve de forma tranqüila e ausente de crises, tendo em vista que é impossível se tornar consciente sem passar por sofrimentos.

Jung (1986) afirma que a conscientização obedece a certas leis e, geralmente, a mudança começa com o início da segunda metade da vida; este é um tempo de suma importância psicológica, é um tempo de desenvolvimento máximo, quando a pessoa ainda está trabalhando, e operando com toda sua força e todo seu querer. A paixão muda de aspecto e passa a ser dever, o querer se transforma em obrigação. Desenvolvem-se tendências conservadoras, procura-se encontrar suas motivações verdadeiras e surgem descobertas: o indivíduo consegue conhecer sua peculiaridade através da sua consideração crítica e de seu destino, porém tais conhecimentos apenas são alcançados através de abalos violentos.

Nesse contexto, os fatores que causam dificuldade no matrimônio são a desigualdade de tempo no desenvolvimento e o alcance da personalidade espiritual. São naturezas de muitas faces, em geral cheia de problemas, dotadas de unidades psíquicas hereditárias mais ou menos incompatíveis; sendo sempre difícil a adaptação a essas naturezas, assim como também é difícil que tais naturezas se adaptem a outras mais simples. Jung (1986, p. 200) afirma que:

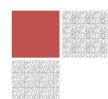


“Essas pessoas, com dotes até certo ponto dissociados, possuem em geral a capacidade de separar por longo tempo os traços irreconciliáveis do caráter e assim se apresentarem como simples na aparência; o fato de possuírem ‘múltiplas facetas’ e um caráter de colorido cambiante lhes confere um encanto todo especial. Ao lidar com naturezas providas de tais labirintos, qualquer outra pode se perder facilmente; encontra-se diante de tal exuberância de vivências possíveis que seu interesse pessoal se acha totalmente ocupado; certamente isso não precisa ocorrer de modo sempre agradável, pois é necessário antes sondar a outra em todos os caminhos secundários e desvios errados. Todavia, existe sempre desse modo tantas possibilidades de vivência, que a pessoa mais simples se sente envolvida por elas ou até mesmo presa por elas; essa pessoa como que se dissolve na personalidade mais ampla, não podendo enxergar nada além dela. Isto constitui uma ocorrência quase geral: uma mulher que intelectualmente está contida no marido, ou um marido que emotivamente vive em sua mulher. Isto poderia ser designado como o problema do envolvente e do envolvido”.

O envolvido encontra-se, totalmente, dentro do matrimônio, voltando-se inteiramente para o outro, sem nenhuma divisão, não percebendo obrigação alguma em relação ao exterior, nem qualquer interesse que o prenda. Este estado possui a faceta desagradável da dependência inquietante de uma vasta personalidade, mas possui a vantagem de que ele mesmo não está dividido.

Por sua vez, o envolvente precisaria, de maneira especial, conciliar-se consigo mesmo pelo amor indiviso para com a outra pessoa. Contudo, é um esforço extremamente difícil, uma vez que vê que a pessoa mais simples lhe toma a dianteira. Quando procura no outro sutilezas e complicações, com a finalidade de complementar ou se opor às suas próprias facetas, o envolvente acaba perturbando a simplicidade do envolvido.

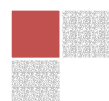
A simplicidade possui grande vantagem sobre a complicação; sendo assim, o complicado logo desistirá de tentar despertar uma natureza mais simples para as reações sutis e problemáticas. Comumente, o simples, que procura no parceiro respostas simples, irá impor ao outro muito trabalho, e por esperar deste, respostas simples, acaba constelando suas complicações. Assim sendo:



“O complicado, quer queira quer não, deverá retrair-se diante da força convincente do simples. O que é intelectual (o processo consciente em geral) significa um tal esforço para a pessoa, que ela, em qualquer circunstância, preferirá o que é simples, até mesmo quando isso nem for verdadeiro. E se for ao menos verdadeiro em parte, então a pessoa será como que uma presa disso. A natureza simples atual sobre o complicado como um quarto pequeno demais, que não lhe oferece espaço suficiente. A natureza complicada, entretanto, oferece ao simples espaço demais, de modo que ele nunca sabe direito onde lhe compete ficar. Assim, ocorre naturalmente que o complicado contém o simples. O complicado não pode caber no outro, mas o envolve, ao passo que ele mesmo não é envolvido. Mas como ele talvez sinta maior necessidade de ser envolvido que o outro, sente-se situado fora do matrimônio e desempenha sempre o papel problemático. Quanto mais firmemente se apegar o envolvido, tanto mais se sentirá o envolvente impelido para fora” (JUNG, 1986, p. 201).

Pelo fato do envolvido se apegar, ele consegue penetrar ainda mais e, conseqüentemente, permitirá menos ao outro que faça o mesmo. No início, talvez inconscientemente, o envolvente sempre procura “espiar para fora da janela”; mas, ao atingir o meio da vida, desperta nele um desejo de maior intensidade em se tornar uno e indiviso, já que necessita disso por ter uma natureza dissociada, acontecendo assim, coisas que o tornam consciente do conflito. Toma consciência de que procura aquilo que lhe faltou, que é ser complementado, ser abrangido, em suma, ser indiviso.

O envolvido sente tal acontecimento como confirmação da incerteza dolorosa que sempre sentira, de que o que sempre pareceu ser seu, ainda está impregnado de sentimentos influenciados por outros. Portanto, desaparece para ele a certeza da segurança desejada e tal decepção o leva a retrair-se para dentro de si mesmo. Caso não consiga, através de esforços desesperados e violentos fazer com que o outro o convença que toda essa procura de unidade, não passa de uma fantasia doentia. Entretanto, se sua tentativa violenta falhar, a desistência devidamente aceita lhe fará um grande bem, levando-o a compreender que a



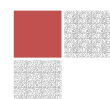
segurança que procurava no outro, terá que achar em si mesmo. Conseqüentemente, encontra a si mesmo e descobre que em sua natureza simples existiam todas as complicações, que o outro procurava nele de forma inútil.

Segundo Jung (1986), se o envolvente não entrar em colapso ao ver o que se costuma chamar de casamento errado, mas continuar acreditando que seu anseio de unidade é justificado, então aceitará no momento o fato de estar sendo dilacerado. Esta dilaceração levará à cura de sua natureza dissociada, uma vez que todas as forças que tendem a unir e tudo o que ocorre de modo sadio para se querer a si mesmo, se erguerão contra a dilaceração, o levando a tomar consciência de que a união eterna é possível.

No meio da vida, a natureza singular do ser humano força, deste modo, a passagem da primeira metade da vida para a segunda. Assim, o estado em que o homem era apenas o instrumento de sua natureza impulsiva, se transforma em um estado diverso, no qual o homem já não é instrumento e passa a ser ele mesmo, sendo que a natureza se torna cultura e o impulso se torna espírito. Este desenvolvimento necessário não pode ser interrompido, através de violências morais, uma vez que criar uma atitude espiritual, através da divisão e supressão dos impulsos, será uma falsificação, de acordo com Jung (1986).

O casamento, na visão de Jung (1986), atinge a harmonia na primeira metade da vida, mas se fundamenta, sobretudo, em projeções de certas imagens típicas. Ele afirma que:

“Cada homem sempre carregou dentro de si a imagem da mulher; não é imagem desta determinada mulher, mas a imagem de uma determinada mulher (...) o mesmo vale também para a mulher, pois também ela carrega igualmente dentro de si uma imagem inata do homem. (...) é uma imagem de homens, enquanto que no homem se trata de uma imagem da mulher. Visto esta imagem ser inconsciente, será sempre projetada, inconscientemente, na pessoa amada; ela constitui uma das razões importantes para a atração passional, ou



para a repulsa. A essa imagem denominei anima (...) a mulher não tem a anima, mas animus. A anima é de índole erótica e emocional, enquanto que o animus é de caráter raciocinador. Por basear-se na projeção da própria anima, costuma ser errado a maior parte do que os homens dizem a respeito da erótica feminina, como também sobre a vida emotiva da mulher. As suposições e fantasias espantosas que as mulheres fazem a respeito dos homens se fundamentam na atividade do animus, que é de capacidade inesgotável para produzir julgamentos sem lógicas e causas falsas” (JUNG, 1986, p.203).

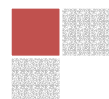
No matrimônio, segundo Jung (1986), é sempre o envolvido que projeta tal imagem no envolvente, enquanto o envolvente pode apenas projetar no outro cônjuge essa imagem em partes. Tanto para o homem como para a mulher, sendo os envolventes, a realização da imagem traz diversas conseqüências, uma vez que existe sempre a possibilidade de que sua própria complicação encontre resposta em uma multiplicidade de formas. A projeção do animus, por parte da mulher, é capaz de sentir pelo faro um homem importante, desconhecido e, até mesmo, o ajudar a atingir seus objetivos através de apoio moral. Da mesma maneira, o homem, através da projeção da anima, pode despertar para si mesmo uma mulher inspiradora.

Jung (1986, p. 204), afirma que:

“Muitas vezes talvez trata-se apenas de uma ilusão de efeito destruidor. Houve falta de êxito porque a fé não era suficientemente forte. Aos pessimistas devo dizer que estas imagens arquetípicas encerram valores positivos extraordinários; entretanto ao otimistas devo indicar cautela para não se iludirem com fantasias ofuscantes e com os desvios mais absurdos, que também são possíveis”.

2.1. A dinâmica Anima x Animus

Segundo Nise da Silveira (1994), o primeiro receptáculo da anima, no homem é a mãe e isto faz que, aos olhos do filho, ela pareça dotada de algo



mágico. Posteriormente, a alma será transferida, sobretudo, para a mulher com quem o homem se relacionará amorosamente, provocando os complicados enredamentos do amor e as decepções causadas pela impossibilidade de o objeto real corresponder, plenamente, à imagem proveniente do inconsciente. Esclarecendo, a autora afirma:

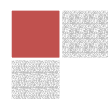
“A retirada da imagem da alma seu primeiro receptáculo constitui uma etapa muito importante na evolução psíquica do homem. Se não se realiza, a alma é transposta, sob a forma da imagem da mãe, para a namorada, para a esposa ou a amante. O homem esperará que a mulher amada assuma o papel protetor de mãe, o que o leva a modos de comportamento e a exigências pueris, gravemente perturbadoras das relações entre os dois” (SILVEIRA, 1994, p. 99).

A alma apresenta-se personificada nos sonhos, nos contos de fadas, no folclore de todos os povos, nos mitos e nas produções artísticas. O princípio feminino no homem poderá desenvolver-se, diferenciar-se e transpor estágios evolutivos.

O primeiro receptáculo do animus, na mulher, é o pai e, posteriormente, se transfere para outras figuras masculinas. Ao projetar o animus sobre o homem amado, faz do mesmo uma imagem ideal, o que torna impossível resistir à convivência cotidiana, ocasionando decepções inevitáveis.

Assim como no homem, o animus também assume personificações nos sonhos, nos contos de fadas, nos mitos e em outras produções inconscientes, como esclarece a mesma autora:

“Do mesmo modo que a alma, o animus é suscetível de evoluir, de transformar-se (...) o animus nos seus aspectos positivos tem funções importantes a realizar. É o mediador entre inconsciente e consciente, o papel desempenhado pela alma no homem. Se atentamente cuidado e integrado pelo consciente, traz à mulher a capacidade de reflexão, de autoconhecimento e gosto pelas coisas do espírito” (SILVEIRA, 1994, p. 102 e 103).



2.2. O ciúme, a inveja e a patologia do ciúme: estados afetivos intervenientes na relação

De acordo com Ferreira (1986), o ciúme significa: 1) sentimento doloroso que as exigências de um amor inquieto, o desejo de posse da pessoa amada, a suspeita ou a certeza de sua infidelidade fazem nascer em alguém; zelos; 2) emulação, competição, rivalidade; 3) despeito invejoso; inveja; 4) receio de perder alguma coisa; cuidado, zelo.

A palavra ciúme tem sua origem etimológica no latim “zelumem” e no grego “zelus”. É um sentimento de alteridade, ou seja, voltado para o outro e não para si mesmo. É uma distorção de zelo, uma vez que é querer o bem do outro, pelo outro e para o outro. O ciúme pode ser explicado, de acordo com Bandeli, Cardoso e Dalco (2003), como projeção de uma alma ou animus mal desenvolvido, ou subdesenvolvido. O ciúme é uma emoção humana, extremamente comum, o que torna difícil a distinção entre ciúme normal e patológico.

Para Santos (apud BANDELI, 2003), ciúme é um conjunto de emoções desencadeadas por sentimentos de alguma ameaça à estabilidade ou qualidade de um relacionamento íntimo valorizado. As definições de ciúme são muitas, tendo em comum três elementos: ser uma reação frente a uma ameaça percebida; haver um ritual real ou imaginário; e a reação visa a eliminar os riscos da perda do objeto amado.

O ciúme normal, segundo Santos (apud BANDELI, 2003), tem sua origem em diversos mecanismos inconscientes, os quais visam a proteger a pessoa de um sentimento maior de angústia. O ciúme tem a característica de atrair todos os pólos dos mais negativos sentimentos humanos, por exemplo, inveja,



comparação, posse, rejeição, temor, ansiedade e, principalmente, a terrível sensação de abandono.

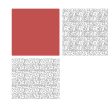
A inveja segundo o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986), significa: 1) desgosto ou pesar pelo bem ou pela felicidade de outrem; 2) desejo violento de possuir o bem alheio.

De acordo com Bandeli (2003), a inveja está presente em muitas situações do cotidiano e, também, no ambiente competitivo e hostil do trabalho. Ela é pouco assumida, escondendo-se, quase sempre, como inconfessável.

Segundo Bandeli (2003), a inveja é uma característica humana, assim como a decepção, a nostalgia, a ambição e a autofilia; é um dos afetos que estão ligados à auto-estima e ao orgulho; então, é algo muito natural, um elemento bem significativo na constituição emocional do ser humano. O invejoso é, normalmente, inseguro, supersensível, irritado, desconfiado, observador minucioso e investigador da vida alheia; está sempre armado e alerta contra tudo e contra todos; finge superioridade quando, na realidade, sente-se inferiorizado, sendo tal fato o provocador do ar de sarcasmo e de ironia que o invejoso costuma manifestar. O comportamento descrito o leva à exaustão, porque necessita ocultar o seu precário estado de harmonia interior.

A inveja só não é facilmente aceita porque, culturalmente, é tida como um sentimento ruim. A repressão desse sentimento negativo explica a elaboração inconsciente dos mecanismos capazes de dissimulá-la; coloca-se outras coisas no lugar, com o objetivo de negar sua existência.

O ciúme tem conceito muito próximo à inveja, cobiça e espírito de vingança, confundindo-se facilmente com estes sentimentos. Entretanto, o ciúme e a inveja têm algumas diferenças. O sentimento do ciúme costuma ser mais bem aceito, porque significa a tentativa de recuperação de algo legítimo que alguém tomou do outro. Já, a inveja é um sentimento primário, descrito pela psicanalista Melanie Klein (apud BANDELI, 2003) como o desejo invejoso de ser a fonte de perfeição que é o seio nutridor. Este autor comenta:



“O ciúme é um sentimento que visa a proteger uma relação valiosa. O desejo do ciumento é desfrutar o objeto do ciúme, e o desejo do invejoso, ao contrário, é ver o fracasso do invejado. A inveja é um sentimento de cólera que o sujeito experimenta quando percebe que o outro possui um objeto desejável” (BANDELI, 2003, p.1).

Quem tem inveja, deseja uma qualidade ou posse do outro, mas a inveja e o ciúme podem aparecer juntos.

Bandeli (2003) afirma que, embora o ciúme, simplesmente, cobice a riqueza e a honra dos outros, a inveja é algo que se faz acompanhar de rancor. A inveja não é, necessariamente, querer para nós mesmos, mas, simplesmente, querer que seja tirado do outro. A inveja é o sentimento de infelicidade produzido por presenciarmos a vantagem ou a prosperidade do outro, os invejosos se incomodam com os sucessos dos amigos.

De acordo com Bandeli (2003), em questão de ciúme, a linha divisória entre imaginação, fantasia, crença e certeza, freqüentemente, se torna vaga e imprecisa. No ciúme, as dúvidas podem se transformar em idéias supervalorizadas ou francamente delirantes. Depois das idéias de ciúme, a pessoa é compelida à verificação compulsória de suas dúvidas. O autor acrescenta:

“Os ciumentos estão em constante busca de evidências e confissões que confirmem suas suspeitas mas, ainda que confirmada pelo (a) companheiro (a), essa inquietação permanente traz mais dúvidas ainda ao invés de paz. Depois da capitulação, a confissão do companheiro (a) nunca é suficientemente detalhada ou fidedigna e tudo volta à torturante inquietação anterior. (...) Os portadores de Ciúme Patológico comumente realizam visitas ou telefonemas de surpresa em casa ou no trabalho para confirmar suas suspeitas. Os companheiros(as) dessas pessoas vivem dissimulando elogios e presentes recebidos ou omitindo fatos e informações na tentativa de minimizar os graves problemas de ciúme, mas geralmente agravam ainda mais” (BANDELI, 2003, p.2 e 3) .

O que aparece, no ciúme patológico, é um grande desejo de controle total sobre os sentimentos e comportamentos do companheiro(a). Há, ainda,



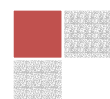
preocupações excessivas quanto a relacionamentos anteriores, as quais podem ocorrer como pensamentos repetitivos, imagens intrusivas e rumações sem fim sobre fatos passados e seus detalhes.

O ciúme patológico é um problema importante para a Psiquiatria, que envolve riscos e sofrimentos, podendo ocorrer em diversos transtornos mentais. Na psicopatologia o ciúme pode se apresentar de formas distintas, tais como idéias prevalentes ou idéias delirantes sobre a infidelidade. No transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), o ciúme surge como obsessão, normalmente associada a rituais de verificação.

Segundo Araújo (apud BANDELI, 2003), o ciúme revela a face mais marcante da disputa de poder numa sociedade, assim como todo o sentimento de superioridade ou inferioridade resultante desse processo. O ciúme é a prova final de que a competição transpassou os limites do campo social, afetando um dos últimos pilares de nossa segurança: a certeza de termos por completo determinada pessoa. O ciúme restringe-se à esfera afetiva ou um possível temor à traição, para, em seguida, alastrar-se a outras áreas da personalidade humana.

A pessoa, de acordo com o autor supracitado, que sente demasiado ciúme começa, também, se incomodar com outras partes do desenvolvimento de seu parceiro; principalmente, no tocante às potencialidades criativas do mesmo. Começa a desejar, secretamente, a derrocada profissional do parceiro, com o intuito de que este se torne cada vez mais dependente. Nesse ponto, o ciúme se une, rigorosamente, a outra emoção humana extremamente complicada, a inveja; e a relação se torna uma tortura infundável, em que o único caminho para a sobrevivência daquele que sente ciúme é a aniquilação das capacidades de seu companheiro.

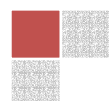
As teorias psicológicas, de acordo com Bandeli (2003), sempre sustentaram que o ciúme é um tipo de projeção; ou seja, a pessoa acusa um outro de desejar o que ela própria gostaria, porém, sempre nega tal fato, seja por culpa, vergonha ou orgulho. O ciúme vai aumentando quanto mais a pessoa nega o descrito



anteriormente, pois se vale cada vez mais de sistemas defensivos para que seu companheiro não perceba que é ele(a) que está sedento para buscar outra relação; assim sendo, é mais fácil para este último sentir primeiro o ciúme a fim de atestar sua completa inocência. É comum que alguém espere do outro uma reação de ciúme de vez em quando, com o intuito de testar se ainda existe o desejo ou algo mais. O problema é quando se acha que o oposto do ciúme é a total insensibilidade ou apatia, pois nesse ponto se perde toda a noção de equilíbrio numa relação, se atuando apenas no limite extremo: excesso de ciúme ou negligência e aí, obviamente, todos preferem o primeiro, se esquecendo de seus efeitos nefastos. A questão do ciúme remete ao medo da perda e, em última instância, ao medo da morte. Esses sentimentos sempre estão mais presentes em pessoas marcadas por experiência de abandono ou desamparo, sendo que o medo é o soberano, impedindo o livre fluir de outras emoções ou vivências.

Segundo Santos (apud BANDELI, 2003), a pessoa que sente ciúme tem medo de perder o outro ou sua exclusividade sobre ele. É um sentimento egocentrado, que pode ser associado à terrível sensação de ser excluído de uma relação. Em um grau maior de comprometimento emocional, quando há uma instabilidade neurótica ou de auto-afirmação, a pessoa pode apresentar-se como ciumenta. Santos acrescenta que:

“Faz parte deste quadro, a sensação permanente de angústia e instabilidade, a insegurança em relação à si mesmo e ao outro, além da fragilidade da relação afetiva, podem levar à pessoa a manter um permanente ‘estado de tensão’, temendo ser traído ou abandonado. Qualquer sinal do outro pode significar algo e a angústia da dúvida corrói a alma de quem é ciumento. Ainda mais grave sob o ponto de vista de comprometimento do psiquismo, podem ocorrer situações delirantes, em que a desconfiança do ciumento cede lugar a uma certeza infundada de que está mesmo sendo traído ou abandonado. O pensamento delirante muitas vezes toma conta de todo o psiquismo e atinge níveis insuportáveis de tensão interna. Paralelamente a este sentir ciúme, pode-se avaliar a forma de reagir perante este sentimento. Para a pessoa supostamente saudável,

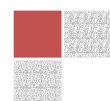


o sentir-se enciumado a leva a questionar-se sobre este sentimento; chega a compartilhar com o outro este sentir e pode tirar daí algumas conclusões importantes sobre sua forma de ser. No que se refere ao ciumento, mesmo que ele não tenha ciência deste seu sentimento, permanece em vigília o tempo todo, tenso, aflito, tomando atitudes destemperadas, sempre procurando uma forma de confirmar suas suspeitas. Isto pode ir de um soturno ato de vasculhar bolsas e bolsos, checar ligações telefônicas e até seguir ou mandar seguir o outro pelas ruas em busca de provas de sua infidelidade. Suas reações no dia-a-dia são geralmente agressivas, acusadoras, desconfiadas, causando um grande mal estar na relação" (SANTOS, apud BANDELI, 2003, p.3 e 4).

O chamado ciúme patológico, também conhecido como "Síndrome de Otelo", em referência ao personagem shakespeariano que sofria deste mal, pode levar a pessoa a cometer atos de extrema agressividade física, configurando aqueles casos que recheiam as crônicas policiais de suicídios e homicídios passionais, segundo Bandeli (2003).

Santos (apud BANDELI, 2003) acrescenta, ainda, que embora Skakespeare tenha criado um personagem masculino, essa situação se apresenta também nas mulheres, em menor grau. Ainda que bastante parecidos, homens e mulheres, "Otelos" e "Otelas", trazem características marcantes nos casos extremos. Além de mais comumente estar mais envolvido com o mercado de trabalho (e, portanto, mais sujeitos às tensões dele decorrentes), o homem é mais carnal, agressivo e invejoso. Tende a evitar relações compromissadas e procura, consciente ou inconscientemente, manter esses aspectos reprimidos. Já, as mulheres têm na relação afetiva um grau maior de comprometimento e expressam mais seus sentimentos desde o início; com isso, elas evitam a "fermentação" do ódio que, nos homens, acaba explodindo totalmente fora de controle.

Segundo Bandeli (2003), pode-se ter o delírio de ciúme bem sistematizado em sua forma pura, sem alucinações ou deterioração da personalidade, numa apresentação monossintomática. Este quadro, atualmente denominado "Transtorno Delirante de Ciúme", é bem mais raro. No DSM.IV, entre os Critérios



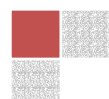
Diagnósticos para Transtorno Delirante (F22.0 – 297.1), está incluído o Transtorno Delirante de Ciúme, entre outros tipos, como “tipo ciumento”: “delírios de que o parceiro sexual do indivíduo é infiel”.

Delírio ou realidade a ocorrência do ciúme, da infidelidade, da inveja entre outros fenômenos afetivos na relação conjugal é comum, afeta a vida, talvez, da maioria dos casais e faz parte do cotidiano familiar – aprovada ou não pela moral e pelos costumes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os dados levantados na literatura pertinente, é possível concluir, em primeiro lugar, que as relações conjugais são diretamente influenciadas pelas experiências do indivíduo, principalmente, por suas experiências afetivo-emocionais. O casamento, ou qualquer que seja o tipo de união conjugal, tem a função fundamental de levar o indivíduo a perceber-se, a tornar-se um si mesmo. É nessa relação psicológica que o indivíduo poderá perceber e experienciar conteúdos indesejáveis, lançados à sombra, que necessariamente precisam ser compreendidos para que o indivíduo consiga alcançar o desenvolvimento psíquico e, conseqüentemente, ser feliz. Pessoa alguma pode compreender algo do ponto de vista psicológico se não a tiver experimentado em si mesmo. Caso contrário ocorre um desacordo do indivíduo consigo mesmo, que, segundo Jung, configura o estado neurótico. Neste sentido, ele afirma que:

“A liberação desse estado só sobreviverá quando se puder existir e agir de conformidade com aquilo que é sentido como sendo de sua verdadeira natureza. Tal sentimento será de início nebuloso e incerto, mas, à medida que evolui o processo de individuação, fortalece-se e afirma-se claramente” (JUNG, apud SILVEIRA, 1986, p. 107).



Experienciar frustrações que ocorrem em qualquer relacionamento íntimo, e a habilidade tanto de tolerar a frustração, como de ocasioná-la, sem que ocorram sentimentos de culpa em excesso, são características de uma pessoa psicologicamente madura; portanto, quanto mais consciente a pessoa está de si mesmo, quanto mais se conhece, tanto mais pode se relacionar de maneira harmônica com outra pessoa.

Uma relação sadia e harmoniosa se configura quando dois indivíduos permitem um ao outro viver suas próprias vidas, mas, ainda, sentem que têm muito em comum, que precisam um do outro, que se compreendem mutuamente, cada um desejando o melhor para o outro e não o que é do outro.

É preciso coragem para enfrentar diretamente os próprios estados emocionais e dialogar com eles; é aí que repousa a chave da integridade pessoal.

Diante disto, segue-se uma orientação: quando surgirem os sinais do sentimento de ciúme normal ou patológico e inveja, a pessoa acometida deverá procurar ajuda de um profissional habilitado para que esses estados afetivos não interfiram no processo de individuação, ou seja, na busca evolutiva de cada um, a fim de se tornar o mais completo possível.

Referências Bibliográficas

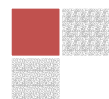
BANDELI, S. M.; CARDOSO, D.S.; DALCO, I.C. **Ciúme e Inveja: a presença da sombra nos relacionamentos**. 2003. 33f. Artigo Científico (Formação em Psicologia Analítica Junguiana) – Curso de Pós Graduação em Psicologia Analítica Junguiana, Instituto de Psicologia Junguiana de Bauru e Região. Bauru, 2003.

CAMPOS, R. A nova fórmula do casamento. **Viver Psicologia**. São Paulo: Segmento. Ano VII, nº 87, out./2000, p. 20-25.

CAMPOS, R. Eu te amo, meus amores... **Viver Psicologia**, São Paulo: Segmento. Ano VII, nº 94, nov./2001, p.24-29.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Revista Científica Eletrônica de Psicologia é uma publicação semestral da Faculdade de Ciências da Saúde de Garça FASU/FAEF e Editora FAEF, mantidas pela Associação Cultural e Educacional de Garça - ACEG. Rua das Flores, 740 - Vila Labienópolis - CEP: 17400-000 - Garça/SP - Tel: (0**14) 3407-8000 - www.revista.inf.br - www.editorafaef.com.br - www.faeef.br.



JUNG, C. G. **O Desenvolvimento da personalidade**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SILVEIRA, N. **Jung**: vida e obra. 14. ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

